

# INTRODUÇÃO OU «GUIA» CRÍTICO PARA ATRAVESSAR A CIDADE

NÉLIO CONCEIÇÃO | NUNO FONSECA

Esta publicação resulta do ciclo temático «Leituras críticas sobre a experiência da cidade» desenvolvido entre 17 de Outubro de 2017 e 5 de Julho de 2018 no âmbito das actividades do grupo «Arte, Crítica e Experiência Estética» (entretanto renomeado «Estética e Filosofia da Arte») do Laboratório de Cultura e Valor (CultureLab) do Instituto de Filosofia da Nova (IFILNOVA), unidade de investigação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O grupo reúne um conjunto de investigadores que trabalham sobre questões de estética e filosofia da arte, explorando a sua importância cultural e a sua influência na nossa existência individual e colectiva. A investigação filosófica da experiência estética visa compreender profundamente as condições que governam a nossa apreensão sensível da realidade, bem como o conhecimento específico revelado pelos processos artísticos e pelo juízo estético. Mas essa experiência não ocorre apenas nas galerias de arte, nas salas dos museus, nos auditórios de teatro e música ou nos cinemas, antes também nos espaços que circundam e preenchem o nosso quotidiano. Ora, no século XXI, o cenário, senão o corpo do nosso quotidiano, é cada vez mais o das cidades, onde mais de metade da

população mundial vive. E a filosofia, que nasceu ela própria no contexto da *pólis* grega, não pode deixar de se interessar, de ser convocada, de reflectir sobre e a partir da experiência da cidade contemporânea.

O trabalho desenvolvido neste grupo deu origem, em 2017, à submissão de uma candidatura no âmbito do concurso de projectos da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, candidatura que obteve uma boa avaliação e o conseqüente financiamento. O projecto de investigação *Fragmentação e reconfiguração: a experiência da cidade entre arte e filosofia* decorreu entre Outubro de 2018 e Setembro de 2022 e incidiu sobre a experiência estética da cidade recorrendo a duas estratégias que combinaram os contributos da filosofia e dos estudos/práticas artísticas/as: por um lado, a análise de casos de estudo em torno do tema da cidade, em particular de Lisboa – a cidade onde esteve sediado o projecto e onde habitam muitos dos seus membros –, oriundos da fotografia, do cinema, da arquitectura, da literatura e das artes sonoras ou da música; por outro lado, o estudo da relação entre fragmentação e reconfiguração tal como é explorada no pensamento morfológico de Goethe e nos autores que com ele têm afinidades (Georg Simmel, Walter Benjamin, Friedrich Nietzsche, Ludwig Wittgenstein, Michel Foucault, Gilles Deleuze, James Joyce, Marcel Proust e Fernando Pessoa). O projecto procurou defender e aprofundar a tese de que as práticas artísticas absorvem e respondem à fragmentação da experiência humana nas cidades modernas explorando uma tensão criativa entre fragmentação e reconfiguração capaz de abrir um espaço diferencial. Este espaço de jogo (*Spielraum*) artístico tem o potencial de quebrar as imagens homogêneas das cidades contemporâneas, criadas por processos ligados ao capitalismo e à globalização. Um dos objectivos principais do projecto foi o de determinar os aspectos positivos desta dinâmica de interrupção, bem como o seu impacto na intersecção entre a experiência estética e os elementos sócio-políticos relativos à tarefa crítica da arte. E isto implicou não só a cidade de Lisboa, mas todas aquelas que foram objecto de análise, num exercício que permitiu, por intermédio de uma aturada procura de semelhanças, afinidades e distinções, compreender melhor os próprios lugares que nos são mais próximos.

O processo de edição deste livro é marcado por estes contextos e perspectivas de investigação, mas também pelo período da pandemia Covid-19, o qual afectou, de forma particularmente dramática, a experiência da cidade, no seu todo e à escala global, mas também nos seus aspectos

microscópicos, nos pormenores que tecem a vida quotidiana. Neste caso, não se tratou tanto de uma dinâmica de interrupção realizada por um espaço diferencial, mas sobretudo de uma interrupção abrupta que teve o condão de revelar, de forma crua, as estruturas de funcionamento das cidades, a vulnerabilidade das suas interações sociais e económicas, mas também os diferentes graus de resistência individual e colectiva à catástrofe.

A estrutura e a composição da presente publicação impuseram-se ao longo das sessões do ciclo temático «Leituras críticas sobre a experiência da cidade», as quais evidenciaram uma coerência temática e conceptual entre as diversas «leituras». Para o ciclo contribuíram – e, portanto, para este livro contribuem também – membros do grupo e da equipa do projecto que, entretanto, se formou.

Este livro, cujo título joga com a semântica de um mecanismo fundamental do planeamento e do desenho normativo do território, visa introduzir na reflexão sobre as cidades a perspectiva crítica, igualmente rigorosa e indispensável, de um plano de cruzamento entre os conceitos filosóficos e as artes. Neste sentido, trata-se de um «guia» que tem como objectivo perturbar os passos urbanos demasiado seguros. As suas três partes congregam diferentes, ainda que complementares, atitudes ou operações possíveis perante um objecto teórico, a cidade, que desafia, desde logo, o próprio estatuto de objecto. A cidade não é redutível, de facto, a um objecto que possa ser observado de cima, *sub specie aeternitatis*, abarcado pelo olhar – pela teoria (do verbo grego *θεωπέω*, que significa observar, contemplar, especular) –, é antes um meio complexo, um ambiente cheio de elementos e relações mútuas, que é preciso não só ver de perto – *ao pormenor* –, como também experimentar, atravessar. Para além disso, não se trata de um mero estado de coisas, mas sim de um ecossistema dinâmico e, portanto, de um processo constituído por acontecimentos no espaço e no tempo, um processo no qual estamos imersos, pelo qual somos afectados e do qual somos agentes. Neste sentido, é sintomático que as três partes sejam descritas por intermédio de verbos, os quais pressupõem naturalmente diferentes conjugações – de pessoas e tempos – e descrevem operações que cruzam o trabalho com os conceitos e análises muito concretas de fenómenos urbanos e casos de estudo artísticos. Enquanto processo histórico que no seu transcorrer foi convocando o pensamento de filósofos, as cidades implicam já sempre releituras e recomeços, pelo que a primeira parte se dedica a «reler e recomeçar».

Esse primeiro momento do livro inclui um conjunto de releituras críticas de alguns textos filosóficos e pensadores essenciais para a compreensão da experiência moderna da cidade, nomeadamente, Walter Benjamin, Michel de Certeau, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Embora Benjamin seja talvez o autor que mais inspirou os membros e os trabalhos do projecto já referido, é com o pensador francês Michel de Certeau e, em particular, com a sua incontornável obra *L'Invention du quotidien* – clássico moderno dos estudos sobre o quotidiano urbano e, no que aqui importa, sobre o que significa habitar a cidade – que Maria Filomena Molder inaugura estas releituras, para reflectir a partir dele e das importantes distinções que o autor faz entre os actos de olhar e de andar, cartografar e viajar, entre o mapa e o caminho, as condições de possibilidade – e, portanto, os limites – do conhecimento teórico do espaço urbano. No capítulo seguinte, são as formas de vida na cidade e em especial o modo como as catástrofes as afectam, destruindo, fragmentando e forçando-as a reconfigurar-se, a imaginarem as dimensões utópica, distópica e, sobretudo, heterotópica dos lugares e dos modos de vida na cidade que convocam a reflexão de Gianfranco Ferraro, o qual relê aí a interpretação de Michel Foucault da antiga arte de viver, a *τέχνη του βίου* («técnica de vida») dos gregos na *pólis*. Claudio Rozzoni faz em seguida uma releitura da noção deleuziana de «monumento», para reflectir sobre o problema da memória e a peculiar temporalidade do «bloco artístico» – esse monumento em que se transforma, em virtude da «fabulação criadora», o fazer artístico e que «nada tem a ver com uma recordação» – e testar a sua possível relevância para a reflexão acerca da experiência estético-artística da cidade. Claudio Rozzoni parte de uma análise diacrónica das variações de sentido e de alcance daquela noção em diferentes obras de Gilles Deleuze, mas tendo como horizonte hermenêutico o episódio da ressurreição da memória involuntária – a famosa *madeleine* – no romance de Marcel Proust, examinando seguidamente a caracterização baudelairiana da «reminiscência» e o trabalho fotográfico de Jeff Wall na cidade de Vancouver. No último capítulo desta primeira parte, Bruno Duarte debruça-se sobre os processos de citação, invocação e montagem literária que Walter Benjamin elegeu como principal método no seu importante, ainda que inacabado, projecto das *Passagens* – o de uma arqueologia da modernidade urbana feita a partir da cidade de Paris, epitetada por ele «capital do século XIX». Esses processos servem frequentemente à reconstituição

filológica e hermenêutica do próprio pensamento de Benjamin, mas neste capítulo são mostradas, de forma crítica, as implicações da apropriação que desse método fez o poeta e crítico americano Kenneth Goldsmith no seu *New York, Capital of the 20th Century*, um putativo remate, conclusão ou acabamento *détourné* do projecto benjaminiano.

A segunda parte é constituída por textos que analisam mais especificamente estratégias de resistência e de transgressão, perante as dinâmicas de uma evolução urbana tecnocrática e capitalista, associadas a práticas poéticas de deambulação e deriva no contexto da literatura, do cinema e das artes visuais e performativas. Os verbos orientadores são aqui, pois, «caminhar e transgredir».

Partindo dos textos e fragmentos que Walter Benjamin dedicou ao *flâneur*, mas também da literatura panorâmica e, em concreto, daqueles fascículos em formato de bolso que ficaram conhecidos na primeira metade do século XIX como «fisiologias», Nuno Fonseca procura esboçar alguns dos principais traços do *flâneur*, esse personagem conceptual de que Benjamin se apropriou e infundiu com a densidade semântica de um hieróglifo, que reconheceu no «botânico do asfalto», no «homem da multidão» e no poeta – em particular, Charles Baudelaire –, esse personagem que, segundo Benjamin, resistia à experiência do choque metropolitano e à cronofagia do ritmo capitalista da vida moderna, ao mesmo tempo que se deixava sublimar nos laboratórios de ensaio da contemplação mercantil e deambulação consumista que foram as exposições universais e os *grands magasins*. Mas talvez o *flâneur* possa ser entendido também como o paradigma do sujeito da experiência estética da cidade e, não obstante o carácter e o destino fantasmagórico que Benjamin lhe vaticinou, regresse e sobreviva ainda noutros escritores e artistas presentes e futuros – ou os ensombre, como aliás faz todo o *revenant*. É certo que aquele destino foi também marcado pelo contexto social, cultural e económico de então e que as condições materiais das sociedades posteriores suscitaram novas propostas e novos gestos por parte dos intelectuais e artistas, mas não terão sido os surrealistas, os letristas e, depois, os situacionistas, de certo modo, ainda herdeiros do *flâneur*, nas suas experiências de deambulação e deriva? Depois de uma sinóptica apresentação dos ideais e estratégias do situacionismo, através dos principais textos de Guy Debord, Susana Nascimento Duarte dedica a sua atenção ao actual contexto revivalista da psicogeografia

e deriva situacionistas, que agora está menos apostado num movimento de transformação utópica e revolucionária da vida quotidiana na cidade ou na ideia de um urbanismo unitário, do que em fragmentárias e efémeras intervenções criativas nos espaços urbanos com uma eventual dimensão crítica da vida quotidiana contemporânea. O capítulo seguinte foca-se em estratégias e práticas artísticas de deambulação semelhantes, empreendidas, numa linhagem que vem dos surrealistas e passa pelos situacionistas, pelo artista belga Francis Alÿs, o qual alia ao movimento de caminhar na cidade gestos lúdicos e, aparentemente, pueris, mas que concedem espaços de liberdade e imprevisibilidade às suas acções poéticas. Nélio Conceição aprofunda, a propósito destas intervenções lúdico-urbanas de Alÿs, uma análise descritiva da própria prática do caminhar para revelar as tensões entre o movimento naturalizado e as perturbações que essa prática pressupõe, o nomadismo e uma certa domesticidade, as contradições entre a atenção ao exterior e uma imersão interior, a integração do acaso pelos procedimentos de experimentação, sem esquecer as dimensões histórica e política que esses gestos inevitavelmente implicam.

Na terceira parte, trata-se sobretudo de perceber como certas práticas artísticas, desde a fotografia à dança, passando pela arquitectura, poesia e cinema, reinventam as possibilidades de perceber, sentir e viver a cidade. Se seguirmos a ideia, de teor benjaminiano, de que só podemos conhecer-nos a nós próprios e ao nosso tempo se conhecermos a literatura e as artes, torna-se claro que conheceremos melhor as tensões históricas das cidades contemporâneas se nos debruçarmos sobre as representações que delas fazem os artistas, se as explorarmos a partir das percepções, das ideias e dos afectos abertos pelas obras de arte. Os verbos que regem os capítulos desta parte não podem ser senão «experimentar e imaginar».

Os três primeiros capítulos partem da fotografia na sua relação íntima com a paisagem urbana. Humberto Brito considera as obras de dois fotógrafos que trabalham na e com a cidade: Felipe Russo, fotógrafo brasileiro que, em *Centro* (2014), dá a ver as marcas de transformação e efemeridade da cidade de São Paulo, com elas construindo «pequenos monumentos»; e André Cepeda, fotógrafo português que, em *Anti-Monumento* (2019), trabalha sobre um «pormenor» do Porto, o *Monumento ao Empresário* inaugurado em 1992 pelo então Primeiro-Ministro Aníbal Cavaco Silva. Humberto Brito procura traçar as possíveis analogias e desanalogias entre

ambos, partindo de uma metáfora forte, a de que a superfície deteriorada da cidade é como que um tropo da própria fotografia. Paulo Catrica, também ele fotógrafo, empreende no capítulo seguinte uma leitura historiográfica da fotografia de Lisboa, entre os anos 1947 e 1958. Mas as fotografias convocadas nesta leitura, provenientes de diferentes origens e natureza diversa, do ensaio visual e da prática artística à encomenda institucional e âmbito editorial, são elas próprias entendidas como *clichés* da história, fragmentos que revelam contradições e silêncios, que se inscrevem na memória colectiva e propõem um olhar crítico sobre os acontecimentos e situações sociais e políticas do Portugal daquela época. Foi ainda a propósito de fotografia e, em particular, do trabalho de fotógrafos nos espaços liminares e informais das cidades que o arquitecto catalão Ignasi de Solà-Morales escreveu o influente texto sobre os *terrains vagues*. É dele, mas também da noção deleuziana de «linha de fuga» e de outras ideias de Peter Zumthor sobre paisagem e arquitectura, que Susana Ventura parte para reflectir sobre a possibilidade da emergência de uma paisagem poética na cidade-território ou espaço pós-metropolitano, esse mesmo no qual Massimo Cacciari havia identificado um paradoxo entre a crescente homogeneização e indefinição do espaço urbano e a cada vez maior dificuldade em tolerar o aparecimento de genuínos lugares de habitar. O projecto da High Line em Nova Iorque e ainda as fotografias que dela foram feitas por Joel Sternfeld são a pedra de toque daquela possibilidade, à qual crescem as estratégias de deriva psicogeográfica (mencionadas na segunda parte do livro como gestos de «caminhar e transgredir») que permitem a emergência das linhas de fuga desterritorializantes e das forças de criação. É ainda num horizonte deleuziano, mas agora a partir do pensamento de Giuliana Bruno, e retomando os conceitos de montagem e memória (analisados em diversas «leituras» da primeira parte), que Susana Viegas analisa a relação entre uma arquitectura mnemónica e a experiência da cidade moderna, a propósito da video-instalação *A free and Anonymous Monument* (2003), das artistas Jane e Louise Wilson. Ao estabelecerem uma ligação entre o cinema como espaço arquitectónico e a arquitectura como movimento cinematográfico, a experimentação das artistas inglesas e a interpretação de Giuliana Bruno ampliam a compreensão dos percursos imaginários e das ligações intermediais entre a arquitectura e o cinema, nas suas dinâmicas afectivas, temporais e espaciais. No capítulo seguinte, é o conceito de «comum», como aparece nas

perspectivas de François Jullien, Roberto Esposito e Bruno Latour, mas também o poder emancipatório da reflexão sobre os *undercommons* feita por Stefano Harney e Fred Moten, que Ana Mira convoca para abordar as *Ações* da artista brasileira Eleonora Fabião, *happenings* realizados entre 2008 e 2015 em diferentes cidades do globo. Irrompendo no quotidiano do espaço urbano, *Ações* são modos performativos de perturbar a indiferença, anestesia e isolamento generalizados dos cidadãos e despertar ou intensificar a capacidade de os corpos reverberarem uns nos outros e se reinscreverem nos lugares concretos em que cada uma destas experimentações acontece. Em seguida, João Oliveira Duarte retoma a questão da memória – sob o horizonte da catástrofe – para a contrapor à noção de arquivo, suscitada pela obra do artista conceptual francês Christian Boltanski, em particular *La Maison Manquante* e os diversos *Inventaires* que foi constituindo a partir dos anos 70. Neste contexto, se a memória mistura as diferentes dimensões temporais, o arquivo institui uma cesura entre passado e presente que transforma o passado em aporia. A experiência trágica da guerra, o trauma do holocausto e os vazios criados nas cidades e nas vidas de milhões de judeus marcam as obras de Boltanski, que convocam permanentemente a tensão entre a memória e o esquecimento. Os dois últimos textos desta terceira parte são inspirados pelo cinema e por viagens poéticas pela cidade de Londres que permitem visitar o passado e reflectir sobre o presente, já não tanto através do conceito de «memória», mas sim dos de «fragmento», «ruína», «citação» e «deambulação». Inês Sapeta Dias começa por convocar *London* (1994), do inglês Patrick Keiller, uma digressão pela cidade de Londres feita por uma série de citações e comentários, para a descobrir enquanto cidade fragmentada e suburbanizada, inscrita sobre as ruínas de um passado glorioso e poético. É também em torno de ruínas e fragmentos que Lisboa aparece neste texto, cidade tratada no cinema português dos anos 90 – de João Botelho, João César Monteiro e Teresa Villaverde – e no de cineastas estrangeiros que filmaram a capital portuguesa nos anos 80 – Wim Wenders, Raoul Ruiz e Robert Kramer –, em filmes que desterritorializam a cidade e revelam os seus exilados e as suas paisagens periféricas. Graeme Gilloch, no último capítulo, vai ter com *London Symphony: A Poetic Journey through the Life of a City* (2017), de Alex Barrett, uma sinfonia urbana que homenageia criticamente o género cinematográfico dos anos 20 e, em particular, *Berlim: Sinfonia de uma metrópole*, o filme

pioneiro de Walter Ruttmann. Mas a homenagem feita por Barrett parece repetir, segundo alguns críticos, tanto os méritos estéticos como as insuficiências em termos de consciência e poder de emancipação social e político, problema também identificado outrora no filme de Ruttmann por um crítico perspicaz, Siegfried Kracauer. O exercício de Barrett é, no entanto, resgatado por Gilloch de uma crítica apressada e de uma aparente simulação da sinfonia berlinense ao reconhecer, nessa «viagem poética», uma engenhosa sedução feita de digressões e excursos – uma deambulação cinematográfica como método, a ressoar uma interpretação benjaminiana do poder heurístico do desvio – que devolve ao espectador a possibilidade de ler, de escutar – já que uma sinfonia é, desde logo, musical –, com subtileza, o espectáculo cosmopolita de aspecto ornamental.

Com este último capítulo fecha-se o livro, reatando com o primeiro que, com a perspectiva de Michel de Certeau, se cosia nas tensões entre o olhar e o andar, entre o cartografar e o viajar, entre o mapa e o caminho, tensões que, no fundo, atravessam os esforços deste grupo de investigadores para compreender não só o fenómeno urbano na sua complexidade e concretude, mas a própria experiência estética possível entre arte e filosofia.

Este livro não teria sido possível sem o apoio dado pela Direcção do IFILNOVA, no âmbito do projecto estratégico UIDB/FIL/00183/2020, nem sem a preciosa ajuda da nossa incansável gestora de ciência, Catarina Barros. Agradecemos também a Inês Rodrigues pelo trabalho de revisão, bem como à editora Húmus, em particular a Rui Magalhães, pelo acolhimento desta publicação. O contexto de trabalho gerado na preparação e na execução do projecto *Fragmentação e reconfiguração: a experiência da cidade entre arte e filosofia* (PTDC/FER-FIL/32042/2017), que nos ocupou durante os últimos anos, foi fundamental para que o processo de escrita e revisão deste livro adquirisse um carácter colectivo. Neste sentido, não podemos deixar de agradecer a cada um dos autores pela qualidade das contribuições e pelo espírito de colaboração nas diversas etapas, os quais permitiram suplantar os constrangimentos de uma gestação lenta e do tempo exigente que decorreu desde o ciclo temático até à concretização da publicação.